

IBOVESPA	FROLEO E GAS PARTICIPACAO 19.78 +1.1%	PDG REALTY S.A. EMPREEND E PAR 10.28 +1.16%	PETROBRAS 30.46 +0.22%	PETROLEO BR
DJONES	MOURS & CO 55.2901 +0.14%	EXXON MOBIL CORP 84.47 +0.02%	GENERAL ELECTRIC 20.03 +0.4%	HEWLETT PACKARD 41.18 +0.1%

ASSINE BRASIL ECONÔMICO

IR PARA PORTAL ECONÔMICO PT

16:01 | Quinta, 31 de março 2011

Definir como Página Inicial RSS Reset

Busca

Email Senha

ok

Cadastre-se | Recuperar Senha

Home Mercados Economia Empresas Política Especiais Mídia Sociedade

Entrevista

Dilma Rousseff: Brasil pode comprar papéis portugueses

Gisa Martinho e Helena Cristina Coelho (redacao@brasileconomico.com.br)
30/03/11 12:51

Presidente diz que estuda possibilidades de ajudar Portugal.

A presidente Dilma Rousseff desembarcou na terça-feira (29/3) de manhã em Portugal num momento delicado para o país ibérico.

O país se vê às voltas com uma crescente pressão sobre a dívida pública e uma recém instaurada crise política, após a renúncia do primeiro-ministro José Sócrates em 23 de março, em reação à decisão do Parlamento português de rejeitar uma série de medidas de austeridade.

A presidente evitou a agenda de negócios durante sua visita. Esteve na terça-feira no Museu Nacional Castro Machado e na Universidade de Coimbra.

Em entrevista ao Diário Econômico e ao **Brasil Econômico**, Dilma disse que o Brasil estuda formas de ajudar a recuperação econômica portuguesa.

Entre as possibilidades de auxílio, diz, estão a compra de títulos da dívida do país ou a recompra de títulos brasileiros em mãos do governo português.

Presidente Dilma, a senhora está prestes a completar 100 dias de mandato. Qual o balanço que faz de sua gestão?

Tomei posse plenamente consciente dos desafios que me esperavam. Durante o governo do presidente Lula, aprendi muito sobre os grandes temas do meu país. A experiência que tivemos na administração anterior mostrou que é possível compatibilizar uma política macroeconômica responsável com programas orientados a resgatar a imensa dívida social brasileira e superar seus gargalos históricos em infraestrutura.

Nesses primeiros 100 dias de meu governo, estamos avançando bem na consolidação de um modelo econômico e social sólido e consistente, baseado no aumento da produtividade, com geração de empregos de boa qualidade, maiores investimentos e maior capacidade de inovação tecnológica.

Estou cada dia mais convencida de que o investimento social é fundamental para um crescimento econômico sustentável. Será nesse rumo que iremos perseverar. Temos consciência de que ainda há muito por fazer.

O Brasil está disposto a ajudar Portugal, investindo em papéis da dívida pública lusitana? Quais as razões para isso?

Estamos estudando a melhor maneira de participarmos do processo de recuperação econômica de Portugal. Nossas equipes econômicas têm mantido um diálogo permanente e fluido sobre esse assunto. Uma das possibilidades é a compra de parcela da dívida soberana portuguesa. Também examinamos outras alternativas, como a recompra antecipada de títulos brasileiros de posse do governo português. O nosso interesse em aumentar a presença de capitais brasileiros em Portugal se deve a razões muito concretas.

Portugal é um país muito importante para o Brasil. É porta de entrada na Europa. O Brasil vem se tornando nos últimos anos um país exportador de capital e muitas empresas brasileiras estão interessadas no mercado lusitano, por sua infraestrutura, sua mão de obra altamente qualificada e versátil e pelo arrojo de seu setor empresarial.

Em que áreas a senhora gostaria de ver maior cooperação entre as empresas portuguesas e brasileiras e mais investimento brasileiro em Portugal?

Portugal e Brasil já têm um amplo leque de cooperação de suas empresas. Mas podemos construir muito mais juntos. São múltiplas as áreas de cooperação que podem se abrir nos próximos anos entre nossos países.

Os setores de energia, turismo, aeronáutica, telecomunicações e mídia são alguns exemplos de áreas em que vejo muita convergência e grande potencial. Mas, além dos empresários, temos que ampliar o leque de atores em nossa agenda bilateral. Universidades, centros de pesquisa, artistas, escritores, professores e estudantes são todos muito relevantes para dar maior densidade às nossas relações.

A Petrobras não entrou no capital da Galp, mas o Brasil é o principal mercado da petrolífera
brasileconomico.com.br/.../dilma-rous...



Dilma Rousseff, em visita à Universidade de Coimbra, em Portugal

Comunidade

Partilhe:

Breve lançamento comercial próximo ao Aeroporto de Congonhas.

Airport Offices

Últimas Notícias

- 15:47 Bancos irlandeses precisam de mais € 24 bilhões
- 15:30 Escócia quer desculpas de Neymar por acusação de racismo
- 15:06 Safra de cana-de-açúcar deve subir 2,11% no Centro-Sul
- 14:46 Casa Bombril capacitará domésticas
- 14:17 Dólar mantém queda, mesmo após intervenção do BC
- 14:09 Radiação em subsolo de usina no Japão está 10 mil vezes o normal
- 13:40 Indexação ajuda a piorar perspectivas para a inflação

Preferência

+ Lidas + Comentadas

- Mudança na Vale pode ampliar participação estatal 08:40
- Lucro trimestral da Marfrig cresce 41,3% para R\$ 62 mi 09:01
- Ministério aprova fusão que criará produtora de suco de laranja 07:59
- Reforma tributária elevará limite a pequenas empresas 12:03
- Superávit primário do setor público bate recorde no mês 10:54

Edição Impressa

portuguesa. Esse é um projeto definitivamente descartado?

É prematuro descartar oportunidades de associação. Ambas as empresas são parceiras em quatro blocos do pré-sal da bacia de Santos. Em Portugal, atuam juntas num projeto de exploração para busca de petróleo e gás em quatro blocos na Bacia Lusitânia, ao norte de Lisboa, e são parceiras em projeto para instalação de uma unidade produtora de biodiesel na refinaria de Sines, cuja matéria-prima será fornecida por um empreendimento agroindustrial no Brasil. Finalmente, na costa do Uruguai, as duas companhias são parceiras desde 2009 em dois blocos exploratórios na Bacia de Punta Del Este. Um desses é operado pela Petrobras, e outro é operado pela empresa argentina YPF. Tendo em vista esse histórico de entendimento entre a Galp e a Petrobras, é arriscado excluir definitivamente qualquer opção.

A Portugal Telecom tem uma posição acionária significativa na Oi, em parceria com sócios brasileiros. É desejável um reforço dessa parceria, eventualmente mesmo uma fusão entre as duas empresas?

A Oi é uma das principais empresas de telecomunicações do Brasil. Vale ressaltar que além de ser uma grande empresa no sentido econômico da palavra, a Oi é incumbida do cumprimento de uma relevante missão de serviço público, na medida em que ela é a concessionária responsável pela prestação de serviços de telefonia fixa em todo o país, exceto no estado de São Paulo. Mesmo com os avanços tecnológicos, não podemos subestimar a importância da telefonia fixa para a população, especialmente em regiões isoladas.

Mas não cabe ao governo brasileiro exercer influência sobre operações societárias que podem vir a ser empreendidas pela Oi, e, por isso, creio não ser apropriado especular sobre eventual fusão entre as duas empresas.

Ressalto, porém, que o Brasil sempre vê com bons olhos parcerias que venham a fortalecer as relações comerciais e de amizade com Portugal, e foi nesse espírito positivo que encaramos a entrada da Portugal Telecom como acionista estratégico no grupo de controle da empresa Oi, que potencializará também a expansão da prestação dos serviços de telecomunicações pelas duas empresas para outros países na América Latina e na África.

O Brasil já passou por crises financeiras no passado. Hoje, tem uma economia e um sistema financeiro pujantes. Que conselhos a senhora pode dar aos portugueses, aos políticos e aos empresários neste momento tão difícil pelo qual passa Portugal?

Não cabe a mim opinar sobre a situação de Portugal e nem teria condição de fazê-lo. No caso do Brasil, tínhamos um sistema financeiro robusto e fortemente regulado. Nosso comércio exterior era diversificado, o que nos fez menos suscetíveis ao choque de demanda nos principais mercados compradores de nossos bens e serviços na Europa e na América do Norte. Retomamos o crescimento em um país que vivia há mais de duas décadas praticamente estancado e ampliamos o mercado interno.

O elemento decisivo para esse avanço foi uma forte política de transferência de renda que tirou mais de 20,5 milhões de brasileiros da indigência. Mostramos ser possível crescer com equilíbrio macroeconômico.

O fortalecimento do Estado, sobretudo para equacionar os desafios estratégicos de nosso desenvolvimento – como os da infraestrutura, por exemplo – não acarretou indevida intervenção no mercado. Persistindo neste caminho, adequando nossas respostas à evolução da conjuntura, mas também atuando no cenário internacional, mediante um pleito firme e consistente por mudanças na governança econômica global e por reformas profundas nos organismos financeiros internacionais, creio que estamos deixando os efeitos negativos da crise para trás e nos preparando para enfrentar o novo mundo de amanhã.



Comentários

Ainda não existem comentários. Seja o primeiro a comentar!

Envie o seu comentário

Nome (*)

Email

Cidade/Localidade

Comentário (*)

ENVIAR

Os comentários enviados serão publicados após aprovação. O Brasil Econômico reserva-se o direito de não publicar comentários considerados como ofensivos ou sem ligação alguma ao artigo em questão

OUTROS JORNAIS DA EJESA

